

## RESENHA

*Paulo Victor Celestino Ferreira\**

KURUVILLA, Abraham. **O texto primeiro**: uma hermenêutica teológica para a pregação. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. 303 p.

Abraham Kuruvilla é professor pesquisador de pregação e ministério pastoral no Dallas Theological Seminary, no Texas. Ele é PhD em Hermenêutica pela Universidade de Aberdeen, na Escócia, além de médico dermatologista. É autor de diversos livros nas áreas de pregação e hermenêutica. Seu objetivo com este livro é transpor a lacuna que existe entre o texto antigo e os ouvintes contemporâneos, explicando a relevância e a autoridade das Escrituras hoje. Essa transposição é discutida no contexto da pregação, por meio de uma hermenêutica teológica para a travessia do texto até a aplicação. O foco está na tarefa da pregação, utilizando-se do que chama de teologia da perícopes, isto é, “o que o autor está *fazendo* com o que ele está *dizendo* na perícopes escolhida para o sermão” (p. 23).

Nas palavras do próprio autor, o capítulo 1 trata das “características essenciais da hermenêutica geral e da hermenêutica especial que possibilitam a interpretação da Escritura pelo pregador” (p. 29). A partir da convicção de que a Bíblia é um texto clássico, por ser perene, plural em suas aplicações e prescritivo, este capítulo introduz questões acerca da textualidade. O fato de a Bíblia ser um texto traz consequências para a relação entre texto, autor e ouvinte. A consequência mais trabalhada pelo autor é a que diz respeito ao referente, ou seja, ao que o texto fala. Com base na categoria conceitual oferecida por Paul Ricoeur (p. 38), Kuruvilla desenvolve o conceito de “mundo do texto”, que nada mais é do que o texto trata e que transcende as consequências do

---

\* Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (2020), pós-graduado em Teologia Exegética pelo Seminário Presbiteriano do Norte (2022) e mestrando (MDiv) no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, com concentração em Estudos Bíblico-Hermenêuticos. Pastor da Igreja Presbiteriana em Palmeira dos Índios, Alagoas.

distanciamento natural entre autor, texto e leitor (p. 35). Esse mundo possui uma intenção “trans-histórica”, que torna possível que o texto continue falando ao longo do tempo (p. 79). É a esse mundo que o leitor é chamado a responder (p. 37). Na projeção do mundo do texto, o autor encontra o objeto essencial da análise pragmática (p. 45). Tal análise questiona o que o autor está fazendo com o que está dizendo (p. 20, 23, 44). Por meio do mundo que é projetado, portanto, pode-se derivar uma aplicação válida para a congregação (p. 38). Ao final do capítulo, com a convicção de que a Bíblia é um texto especial, o autor oferece seis regras de leitura, que servem como limites de segurança e devem ser empregadas na interpretação desse texto especial (p. 80).

No segundo capítulo, o autor introduz o conceito de teologia da perícopé. Em poucas palavras, ela é a teologia específica de uma perícopé específica. Essa perícopé é um segmento do mundo canônico, uma unidade de sentido (p. 84), que possui como assunto o relacionamento entre Deus e o seu povo (p. 102). Ela é uma porção da Escritura que reflete uma “extensão unificada de pensamento e conteúdo”, que pode ser explicada em um contexto de reunião congregacional (p. 84). A partir desse tema base, o autor segue, durante todo o capítulo, por entre as etapas comuns ao trabalho do pregador – a perícopé, a teologia e a aplicação. O pregador deve seguir não somente do texto para a teologia, mas também da teologia para a aplicação. É a teologia da perícopé que é a mediadora no movimento que parte do texto até a aplicação (p. 138). Elas geram exigências divinas para o povo de Deus. Para Kuruvilla, por conseguinte, a função teológica das perícopes é a “facilitação da renovação da aliança, a restauração do povo de Deus ao correto relacionamento com ele” (p. 87).

No terceiro capítulo, o assunto da “exigência divina” é tratado mais particularmente (p. 193). O capítulo busca responder qual é o papel da lei bíblica para os cristãos hoje. O autor faz uma breve análise de três abordagens consideradas por ele como tradicionais – luterana, reformada e dispensacionista – e da NPP (Nova Perspectiva de Paulo). Essas abordagens são examinadas e comparadas. A obra, então, se posiciona “em algum lugar entre elas”, a saber, os polos produzidos pela abordagem tradicional e a NPP (p. 143). Ela afirma que toda a lei continua em vigor hoje. Toda a lei, em um sentido teológico, é aplicável aos crentes de todos os tempos e lugares, porque a lei apresenta o caráter do Legislador divino (p. 175). É a base lógica da lei que, essencialmente, “produz o mundo a ser projetado, a teologia da perícopé” (p. 163). Com base nos conceitos desenvolvidos anteriormente, Kuruvilla aponta a lei bíblica como mais um meio para a projeção do mundo do texto, que chama os homens a se moldarem aos preceitos, prioridades e práticas desse mundo ideal de Deus. Essa exigência da lei cumpre seu caráter de renovação da aliança, uma vez que relacionamento requer responsabilidade (p. 176, 194). Ao final do capítulo, Kuruvilla busca fundamentar essa obediência na fé, ao afirmar que a lei é obedecida pela fé (p. 188).

O quarto capítulo discute como a regra da centralidade<sup>2</sup> (p. 78), oferecida pelo autor no primeiro capítulo, se aplica no discernimento da teologia da perícopes, ou, em outras palavras, “onde está Cristo numa perícopes do Antigo Testamento?” (p. 195). Para responder à questão de como a teologia da perícopes se relaciona com Cristo o capítulo apresenta, primeiro, um estudo de caso no conhecido texto de Gênesis 22. Nesse estudo, as interpretações tradicionais dadas a essa passagem ao longo da história da igreja são apresentadas e discutidas sucintamente. Logo após, a interpretação chamada cristocêntrica é discutida e a interpretação “cristoicônica” é apresentada. Em resumo, a interpretação “cristoicônica” afirma que o texto completo da Bíblia projeta a imagem de Cristo, onde cada perícopes descreve uma faceta dessa imagem (p. 197). O mundo do texto é considerado como retratando a Cristo, que é o perfeito homem, e aquele que cumpriu plenamente a exigência divina, o único que habitou no mundo ideal de Deus (p. 243). Desta forma, “ao cumprir a exigência divina, texto a texto, um cristão torna-se progressivamente mais parecido com Cristo” (p. 244).

O Dr. Abraham Kuruvilla traz uma interessante e importante contribuição ao problema do distanciamento entre autor, texto e leitor com o qual diversos estudiosos da hermenêutica e da homilética têm lidado ao longo dos anos. Ele responde com erudição e aplicabilidade ao problema da relevância da Escritura para os seus modernos leitores. Por meio dos conceitos de “mundo do texto”, de Paul Ricoeur, e da tríade que compõe o sentido, de E. D. Hirsch (p. 40), Kuruvilla compõe sua análise pragmática, ao perguntar o que o autor está fazendo com o que ele está dizendo (p. 47-48), explicando e demonstrando o caminho entre o texto antigo e a aplicação para os leitores modernos (ver p. 38). Além disso, com a sua teologia da perícopes, Kuruvilla chama a atenção do pregador para esse segmento específico do cânon, contribuindo para um maior apego aos detalhes específicos de cada seção da Escritura. Por meio desse conceito básico, ele apresenta mais um passo para a integração da tarefa exegética à pregação, inclusive dando bons exemplos de como a exegese particular de uma perícopes pode guiar o trabalho homilético. Além disso, a sua abordagem cristoicônica oferece importantes reflexões sobre como pregar Cristo no Antigo Testamento.

Entretanto, além das importantes contribuições precisamos destacar algumas das dificuldades do seu trabalho. Primeiro, alguns conceitos importantes para a melhor compreensão da obra são deixados de lado sem maiores explicações. Como primeiro exemplo, “para os objetivos deste livro”, o autor iguala o sentido humano e divino das Escrituras (p. 30). Não há explicações quanto ao assunto, o que torna a sua argumentação confusa em alguns

---

<sup>2</sup> “A regra da centralidade concentra a interpretação de textos canônicos para fins de aplicação sobre a pessoa preeminente de Cristo e sua obra redentora, que cumpre a vontade do Pai no poder do Espírito Santo”.

momentos. Em algumas ocasiões claramente se tem em mente o que o autor humano estava fazendo com o que estava dizendo; em outros momentos, sem explicação, o autor divino está em foco. Em um livro que busca criar uma ponte que transponha as águas entre o texto antigo e o ouvinte moderno (p. 17), era de se esperar uma melhor explicação da relação entre os autores humanos e o Autor divino. Outro exemplo pode ser observado na falta de uma definição mais clara a respeito do termo aliança. A definição de aliança é fundamental para o conceito de aplicação na teologia da perícopes, visto que a renovação da aliança e o alinhamento com a exigência divina estão associadas (p. 100, 125). No entanto, o que o autor quer dizer com aliança não recebe maiores esclarecimentos.

Em segundo lugar, há alguns problemas de argumentação nas críticas feitas à pregação cristocêntrica. Alguns deles estão na interpretação das fontes citadas. Como exemplo, podemos fazer menção de uma citação de João Calvino. Comentando Gênesis 22 e a interpretação tipológica dessa passagem, Kuruvilla cita o comentário do reformador no qual ele se opõe às possíveis alegorias que podem ser feitas nessa passagem<sup>3</sup> (p. 204), o que leva a crer que Calvino não lê a passagem de Gênesis 22 como tipológica. Porém, notamos o fato de Calvino falar de alegorias e não de tipos.<sup>4</sup> Além disso, o reformador reconhece Isaque como um tipo de Cristo em outro lugar: “Ele [Cristo] é Isaque, o Filho amado do Pai, que foi oferecido como sacrifício”.<sup>5</sup> Os problemas também são vistos nos dados fornecidos para a exegese de Gênesis 22. O autor se prende ao significado mais geral do termo  $\pi\psi$  (*seh*) para descredenciar a interpretação tipológica do sacrifício oferecido por Abraão. Entretanto, essa linha de argumentação não parece fazer jus à complexidade do campo semântico deste substantivo.<sup>6</sup> Além disso, ainda que uma consideração mais restrita

<sup>3</sup> CALVIN, John. *Commentaries on the Book of Genesis*. Vol. I. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1948, p. 571.

<sup>4</sup> O mesmo Calvino que rejeita as alegorias é capaz de afirmar: “Era preciso que Cristo, enquanto ausente, fosse figurado por outros signos como renunciado e como o que haveria de vir, e que, agora, já revelado, seja representado por outros”. CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*: Tomo I, Livros I e II. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 440.

<sup>5</sup> CALVIN, John. Preface to Olivétan’s New Testament. In: HAROUTUNIAN, Joseph (Ed.). *Calvin: Commentaries*. Philadelphia: Westminster John Knox, 1958, p. 69.

<sup>6</sup> Essa palavra designa um animal que compõe um rebanho, seja uma ovelha ou bode. O cognato acadiano *shu’u* significa “carneiro”, e em textos de ritos ugaríticos esse vocábulo cognato se refere a “carneiros” e “bodes”, embora em outros contextos seja usado mais genericamente. Em um contexto bíblico, no entanto, ele designa um animal limpo, que pode ser comido (Dt 14.4) e que é oferecido por sacrifício (Êx 34.19; Lv 27.26). Designa também o carneiro comido na Páscoa (Êx 12.3) e o animal apropriado para uma oferta de culpa ou para holocausto (Lv 5.7; 12.8), ou ainda para ser oferecido como oferta voluntária (Lv 22.23). De forma ainda mais impactante, é utilizado para se referir ao servo sofredor que é levado como “cordeiro” ao matadouro (Is 53.7). Cf. Lv 12.8 e Dt 14.4, onde o termo  $\pi\psi$  é traduzido por  $\acute{\alpha}\mu\nu\acute{o}\varsigma$  no grego da LXX, embora seja verdade que o termo mais comum para a tradução

do campo semântico de שֵׁה (*seh*) fosse preferível, ainda assim seria possível interpretar o texto tipologicamente, uma vez que a tipologia se fundamenta não sobre palavras somente, mas sobre um arcabouço histórico, factual e redentor.

Comentando a abordagem cristocêntrica, ou histórico-redentora, Kuruvilla afirma: “O possível problema com essa abordagem é que as mensagens específicas de textos específicos do Antigo Testamento podem ser negligenciadas na pressa de relacionar o Antigo Testamento com o Novo” (p. 204). Certamente essa é uma boa advertência; no entanto, concordamos com o autor quando ele afirma que esse é apenas um problema possível e não inerente à abordagem. A luta pela valorização das questões particulares de cada perícopo é elogiável, mas considerar que a abordagem histórico-redentora necessariamente fará com que o pregador ou intérprete se esqueça ou desmereça essas questões é no mínimo um exagero. E nesse ponto há uma conexão que o Kuruvilla não parece fazer. Ele menciona que toda obediência se dá em contexto factual, de renovação de aliança (p. 87). Se nossa aliança com Deus é feita em Cristo, é possível pregar um sermão que visa a renovação da aliança sem falar do mediador dela? Parece que a falta de uma definição mais clara de aliança novamente surge como uma dificuldade. No fim das contas, o autor parece criticar algo que não é real entre os adeptos do método histórico-redentor: “É difícil defender uma posição que localiza Cristo em cada palavra, versículo e história, sem que o intérprete se envolva em alguma acrobacia hermenêutica” (p. 232).

Terceiro, há algumas questões que Kuruvilla ainda precisa responder sobre sua abordagem à pregação. Uma que chama a atenção é a relação entre a teologia da perícopo e as disciplinas da teologia bíblica e a teologia sistemática. O autor argumenta que essas disciplinas funcionam apenas como limites de segurança, para resguardar o que é identificado na teologia da perícopo (p. 104s). Elas são simples “guardiãs da interpretação” (p. 106). Embora reconheça o uso do contexto mais amplo para a interpretação da perícopo, ele não vê a teologia bíblica e a sistemática como ferramentas para isso (p. 108). Na verdade, ele chega a afirmar que o sermão não é lugar para a tarefa da teologia bíblica (p. 225). Na busca pela valorização da perícopo Kuruvilla descarta o uso dessas disciplinas na tarefa da interpretação e no desenvolvimento do sermão. Desconsiderar essas disciplinas, que nos ajudam a obter o contexto mais geral da Bíblia na pregação, faz jus à unidade das Escrituras? É possível relegar a essas disciplinas o simples papel de guardiãs sem renunciar ao conceito de história factual e redentora, comum à hermenêutica reformada? É, de fato,

---

da LXX seja שֵׁה. Cf. HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1468.

necessário, ou mesmo possível, deixá-las fora do sermão para privilegiar a teologia da perícopes?<sup>7</sup>

Outra questão é a visão quanto à pregação como ferramenta para levar o povo de Deus a discernir a exigência divina a fim de que os fiéis se tornem mais parecidos com Cristo (p. 245). Mesmo quando afirma que essa transformação é realizada pelo Espírito, não observamos exemplos que vão além de mudanças éticas: “Semana após semana, sermão após sermão, perícopes após perícopes, hábitos são mudados, disposições são criadas, o caráter é edificado e a imagem de Cristo é formada” (p. 251). É certo que esse é um aspecto da pregação, mas não é reduzir demais o poder e função deste meio de graça?

Apesar dessas dificuldades, esta obra apresenta uma importante contribuição para a busca de uma pregação que é fiel às Escrituras. As suas reflexões hermenêuticas e homiléticas podem ser de grande valor para intérpretes e pregadores da Palavra que buscam oferecer aplicações que fazem sentido ao ouvinte moderno, ao mesmo tempo em que são fiéis ao propósito do texto inspirado.

---

<sup>7</sup> Penso que seria difícil pregar em textos do Antigo Testamento que contenham profecias ou tipologia seguindo essa abordagem. Devo esse exemplo a Eric S. Price. Cf. PRICE, Eric S. Comparing Sidney Greidanus and Abraham Kuruvilla on Preaching Christ from the Old Testament. *Trinity Journal*, Vol. 39 (2018), p. 69-93.

EXCELÊNCIA E PIEDADE A SERVIÇO DO REINO DE DEUS  
**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ANDREW JUMPER**

Venha estudar conosco!

Cursos modulares, corpo docente pós-graduado, convênio com instituições internacionais, biblioteca teológica com mais de 40.000 volumes, acervo bibliográfico atualizado e informatizado.

---

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (EAD)**

Cursos anuais totalmente online que visam à instrução e ao aperfeiçoamento bíblico-teológico de pastores e crentes que possuam graduação em qualquer área. São eles: Teologia Sistemática, Teologia Bíblica, Teologia Aplicada, Missiologia, Exposição Bíblica e Aconselhamento Bíblico.

---

**REVITALIZAÇÃO E MULTIPLICAÇÃO DE IGREJAS (RMI)**

O RMI objetiva capacitar pastores e líderes na condução do processo de restauração do ministério pastoral, da oração e da expansão da igreja por meio de missões, usando ferramentas bíblico-teológicas e de outras áreas das ciências.

---

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ (EEC)**

O programa de especialização em Educação Cristã é destinado a pais, pastores, professores e demais interessados em educação eclesial ou escolar. Seu principal objetivo é promover uma reflexão a respeito da dimensão pedagógica a partir dos pressupostos cristãos e oferecer ferramentas para o exercício intencional e planejado da atividade educacional, a partir desses pressupostos.

---

**M.A. LEADERSHIP IN CHRISTIAN EDUCATION (MAE)**

Este programa é um mestrado semipresencial bilíngue (português/inglês), ministrado em parceria com o Gordon College (Boston, EUA). É dirigido à educação escolar cristã, com ênfase em liderança, compreendendo a gestão escolar e suas bases conceituais. Útil para a liderança e gestão de Departamentos de Educação Cristã em igrejas, bem como para seminários, institutos bíblicos e outras instituições teológicas.

---

**MESTRADO EM DIVINDADE (*MAGISTER DIVINITATIS* – MDiv)**

Trata-se do mestrado eclesial do CPAJ. É análogo aos já tradicionais mestrados profissionalizantes, diferindo, entretanto, do *Master of Divinity* norte-americano apenas no fato de que não constitui e nem pretende oferecer a formação básica para o ministério pastoral. Oferece uma visão geral das grandes áreas do conhecimento teológico. Não é submetido à avaliação e não possui credenciamento da CAPES.

---

**MESTRADO EM TEOLOGIA (*SACRAE THEOLOGIAE MAGISTER* – STM)**

Esse mestrado acadêmico difere do *Magister Divinitatis* por sua ênfase na pesquisa e sua harmonização com os mestrados acadêmicos em teologia oferecidos em universidades e escolas de teologia internacionais. É oferecido para aqueles que possuem o MDiv ou graduação em Teologia e mestrado em qualquer área. Não é submetido à avaliação e não possui credenciamento da CAPES.

---

**DOUTORADO EM MINISTÉRIO (DMin)**

Curso oferecido em parceria com o *Reformed Theological Seminary* (RTS), de Jackson, Mississippi. O programa possui o reconhecimento da JET/IPB e da *Association of Theological Schools* (ATS), nos Estados Unidos. O corpo docente inclui acadêmicos brasileiros, americanos e de outras nacionalidades, com sólida formação em suas respectivas áreas.

---

Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper  
Rua Maria Borba, 40/44 – Vila Buarque – São Paulo – SP – Brasil – CEP: 01221-040  
Telefone: +55 (11) 2114-8644/8759 – atendimentocpaj@mackenzie.br  
cpaj.mackenzie.br – <https://www.facebook.com/cppaj>

